

ENTRE A BOLA E A FÁBRICA: REFLEXOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO PAULISTANA NO CLUBE DE FÁBRICA SANTA MARINA

Gabriel Yukio Shinoda Oliveira¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo discutir o início da pesquisa em torno dos conflitos e das disputas sociais envolvendo a profissionalização do jogador de futebol presentes na construção do time amador de fábrica Santa Marina *Football Club*. Seu recorte temporal se inicia em 1913, ano de sua fundação, até 1933, ano da profissionalização do jogador de futebol. Com o estudo sobre o contexto histórico de industrialização e modernização da cidade de São Paulo, foi possível o levantamento de algumas hipóteses acerca das características do time. Será realizada também uma discussão sobre História Oral por ela ser o principal guia para o tratamento das fontes e por se entender que ela possui as ferramentas metodológicas necessárias para se trabalhar com as narrativas passadas de geração em geração em torno das identidades do clube. Ainda serão analisadas atas de reuniões por poderem evidenciar detalhes não percebidos nos relatos orais.

Palavras chaves: Futebol de Fábrica; História Oral; Amadorismo.

AMID THE BALL AND THE FACTORY: REFLECTIONS OF THE SÃO PAULO'S INDUSTRIALIZATION IN THE FACTORY-BASED SANTA MARINA

Abstract: This article aims to discuss the beginning of the research about the social conflicts and disputes about the professionalization of the soccer player in question during the organization of the amateur factory-based Santa Marina Football Club. Its temporal cut begins in 1913, year of its foundation, up until 1933, when the professionalism of the soccer player was regulated. The studies about the historical context of São Paulo's industrialization and modernization processes enabled the formulation of some hypotheses about the aspects of the club. A discussion about Oral History will be also proposed, in order to show that this discipline is the principal guide for the treatment with sources and that it has the needed methodologic tools to work with the passed down from generation to generation narratives about the identities of the club. Minutes will be also analyzed to highlight some details that were not evident in the oral sources.

Keywords: Factory-based Soccer; Oral History; Amateurism.

¹ Graduando em História na Universidade de São Paulo. Esse artigo é produto de bolsa FAPESP (processo: 04100-3). E-mail: gabriel.yukio.oliveira@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2079599750923959>.

Introdução

Esse artigo pretende discutir sobre o time *Santa Marina Football Club*, atualmente conhecido por *Santa Marina Atlético Clube*. Ele foi fundado no bairro da Água Branca, próximo à Barra Funda, em 1913 – ano do início da periodização desse estudo -, por operários da vidraria Santa Marina, que moravam “em duas vilas operárias contíguas à fábrica: a primeira conhecida como Vila Velha, [construída] na década de 1910; e [outra construída mais tarde] conhecida como Vila Nova, em terreno na frente à área original [da fábrica]”². O clube passou a maior parte de sua História sendo amador, excetuando-se o período entre 1959 a 1960. Dessa forma, constata-se que, mesmo com os debates nos clubes e nas ligas sobre a profissionalização do jogador de futebol masculino e mesmo com sua regulamentação em 1933, o clube Santa Marina se manteve amador.

O estudo de um clube de futebol durante esse período permite se compreender muito bem os conflitos e as questões sociais que estavam em jogo nesse momento na cidade de São Paulo. Todo o processo de industrialização, modernização e urbanização desse espaço urbano engendrou relações sociais e disputas de interesses entre operários e patrões e entre operários e operários, que certamente estavam presentes no desenvolvimento do clube.

A própria profissionalização do futebol foi uma consequência das discussões presentes na cidade sobre a necessidade de direitos trabalhistas e

² RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. VI *Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012, pp. 5. A fábrica foi fundada no ano de 1892 a partir da descoberta de “jazidas de areia com cor e qualidade ideais para a manufatura do vidro branco”. Em 1903, a empresa se tornou uma sociedade anônima e se expandiu com suas “dependências instaladas em dois grandes pavilhões construídos de tijolos (um com 616m² e outro com 1623m²) ligados por um terceiro com dimensões menores”. RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. VI *Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012, pp. 3.

das desigualdades socioeconômicas. Portanto, o estudo desse complexo e gradual processo esclarecerá quais eram os interesses em torno da profissionalização ou da manutenção do amadorismo. Como já foi mencionado, o time do Santa Marina não era profissional e esse fato claramente nos indica a possível existência de disputas entre os vários membros que o formavam, como será visto posteriormente. Por conta disso, escolheu-se como delimitação temporal final dessa pesquisa o ano de 1933.

Portanto, essa pesquisa pretende observar e analisar esse interessante clube de futebol para entender melhor as dinâmicas sociais presentes na cidade de São Paulo. Para ser possível entendermos algumas hipóteses já pensadas sobre essa pesquisa, é necessária uma contextualização sobre o desenvolvimento do futebol na época diante do intenso conflito social que o envolvia e, depois, uma discussão sobre História Oral, que guiará o trato com a maioria das fontes.

Futebol como meio de disputas sociais

No início do século XX, a cidade paulistana passava por um intenso processo de industrialização e urbanização. Com “as migrações em massa provocadas pelo alcance global das novas tecnologias”³, São Paulo se encontrava em constante expansão. Sua infraestrutura foi totalmente remodelada para poder inserir seus cidadãos dentro de seus ritmos frenéticos cotidianos e, por isso, as autoridades compreenderam sua gestão como um “complexo processo de administração de fluxo”⁴.

Nesse contexto, as modificações na cidade não aconteceram somente em campos delimitados, como econômico ou político, mas sim em todos os campos paulistanos. Essas transformações podem ser, portanto,

³ SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, n. 22, São Paulo, ago. 1994, pp. 30-37, 30 ago, pp. 33.

⁴ SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, n. 22, São Paulo, ago. 1994, pp. 30-37, 30 ago, pp. 34.

compreendidas como parte do processo de modernização, definido por Odette Seabra como um “processo de ordem geral que transform[ou] as bases da sociedade atravessando-a de alto a baixo e implic[ou] em sucessivas rupturas”⁵.

A própria fábrica *Santa Marina* estava integrada às alterações no cenário da cidade ao construir várias habitações operárias, que ultrapassaram os muros da empresa e,

desse forma, a importância da empresa para o desenvolvimento da região [se tornou] incontestável já que foi responsável pela urbanização dos bairros da Água Branca, Pompéia, Lapa e Freguesia do Ó. Em 1912 a estrada do aterro do Ó passou a se chamar Av. Santa Marina, o que mostra o quanto a indústria estava integrada à região⁶.

A evidência da inserção da vidraria na modernização urbana paulistana aconteceu não somente de forma direta, mas também por meio de sua conciliação a outros fatores que modificaram a cidade. Nesse contexto, a empresa canadense *São Paulo Tramway Light & Power* começou a fornecer luz elétrica para os principais pontos de São Paulo, o que só foi possível por meio dos procedimentos de canalização, alargamento, retificação, aprofundamento e inversão do Rio Pinheiros ⁷ para o aproveitamento do potencial hidráulico da Bacia do Alto do Tietê na implantação de uma usina hidrelétrica. Embora atualmente a utilização de eletricidade pareça banal, naquela época, o fato da “iluminação da fábrica [*Santa Marina*] e de todas as suas dependências” ser elétrica e fornecida pela

⁵ SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e industrialização: rios de São Paulo. *Labor & Engenho*, v. 9, n. 1, Campinas, 2015, pp. 38.

⁶ RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. *VI Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012, pp. 5.

⁷ SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e industrialização: rios de São Paulo. *Labor & Engenho*, v. 9, n. 1, Campinas, 2015, pp. 40.

*Light & Power*⁸ demonstra que a vidraria estava envolta pelo processo de modernização.

Foi nesse contexto que o futebol se popularizou. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, a cidade de São Paulo se tornou um solo fértil⁹ para sua popularização por “possuir dinamismo/potencialidade de absorver a informação e transformá-la em sistemas de ações e de objetos”¹⁰. Isto é, a cidade, em suas disposições geográficas, conseguia atender às demandas do jogo, tanto no sentido espacial - necessidade de campos -, quanto no demográfico - necessidade de jogadores, torcedores e acompanhantes do esporte.

Mais do que a prática do futebol ser propiciada pelas condições geográficas do desenvolvimento urbano, ela também foi estimulada pelos conflitos sociais presentes nos espaços paulistanos. Por meio da análise de como a sociedade da época se mobilizava para praticá-lo e interpretá-lo, torna-se perceptível como ele refletia as disputas sociais e culturais do momento. Nesse sentido, Sevckenko compreende que o futebol “se difundiu por dois caminhos. Um foi dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times de várzeas, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos da elite”¹¹.

Franco Júnior também entende que havia uma dicotomia não somente no desenvolvimento do jogo, mas nas concepções sobre ele¹². De um lado, ele seria bem visto por setores da elite, muito pautados pelas ideias higienistas da época, por sua exigência à coordenação dos músculos, ao fortalecimento

⁸ RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. VI *Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012, pp. 5.

⁹ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 2002, pp. 88.

¹⁰ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 2002, pp. 90.

¹¹ SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desastinos. *Revista USP*, n. 22, São Paulo, ago. 1994, pp. 30-37, 30 ago, pp. 36.

¹² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 64-65.

moral e ao trabalho em equipe percebido na “disciplina, cooperação, solidariedade”. De outro lado, os movimentos do futebol se misturavam às “danças populares e [à] toda sorte de improvisações da arte da malandragem”. Portanto, há a ideia de que o futebol seria desenvolvido e interpretado de maneira dicotômica entre o grupo da elite e o dos setores populares.

Dentre alguns dos problemas de se dividir o desenvolvimento desse esporte por essa dualidade está a ideia de que ele teria sido primeiro trazido e jogado pelas elites paulistanas para posteriormente ser transmitido aos setores populares. Fatima Antunes reafirma a ideia de que “nos primórdios do futebol, além dos ingleses, apenas as camadas sociais superiores tinham condições de praticá-lo” para posteriormente, ao observarem o jogo das elites, os setores populares se apropriarem dele. Nesse sentido, as várzeas e as fábricas vão ser espaços de democratização, isto é, vão presenciar o jogo das camadas populares, antes restrito às elites¹³.

Wilson Gambeta, por sua vez, é enfático ao expressar que “é preciso resistir à ideia do futebol como um valor cultural absorvido passivamente pelas massas, após a importação. Esse pensamento pode ser cômodo num primeiro momento, mas no final das contas ele seria redutor por desprezar as possibilidades de assimilação ativa.”¹⁴. Por mais que ele tente desviar da ideia de uma transferência passiva do futebol da elite para os setores populares, ele não questiona ou nega a existência dessa transferência, se aproximando, de uma certa forma, à afirmação de Antunes.

Esse artigo não entende como adequada a ideia de uma dicotomia no desenvolvimento do futebol, que levaria ao argumento de sua transferência ativa ou passiva das classes abastadas às populares. Deve ser entendido que

¹³ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992, pp. 19 – 21.

¹⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895 - 1916)*. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, pp. 188.

“o processo de apropriação do futebol extrapolou barreiras socioculturais e se deu de maneira concomitante entre os diferentes grupos que compunham a cidade”¹⁵. Ele é parte da História Cultural da época, sendo intrínseco a um diálogo entre cultura erudita e popular, onde haveria “empréstimos, resistências, pressões e contrapressões entre elas”¹⁶ e era experienciado e desenvolvido sincronicamente pelas diversas camadas sociais, que tentavam tomar para si o direito de praticá-lo ou até de monopolizá-lo.

Os setores populares foram gradativamente ocupando as várzeas e as fábricas para o jogo. Gilmar Mascarenhas de Jesus enfatiza a importância dos operários para a popularização desse esporte em São Paulo. Ele entende o futebol como um dos elementos de reprodução social da cidade, mantendo fortes conexões com sua industrialização crescente¹⁷. Seu espraiamento pela população acontece sobretudo pela formação de uma classe social do operariado interessada nele diante de um contexto de modernização e industrialização da cidade.

Nas fábricas, o futebol se torna cada vez mais uma ferramenta de mobilidade social para funcionários e operários¹⁸. Eles costumavam ser os

¹⁵ SILVA, Diana M. Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928 - 1950)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, pp. 25.

¹⁶ GONÇALVES JÚNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, pp. 8.

¹⁷ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia*. *GEOgraphia*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 2002, pp. 86.

¹⁸ Embora os trabalhos de Antunes sejam os principais desta pesquisa para o estudo do futebol de fábrica, destaco outros fora do eixo de São Paulo que estarão presentes em minhas leituras futuras. São eles: CUNHA, Aline Nunes da. *Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Maio de 2008.; EMRICH, Victor. *Trabalho, greves e futebol: luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911 – 1933)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.; MARTINS, Pedro P. da Silva. *Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949 – 1965)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.; RIBEIRO, Sérgio D. Dantas. *Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um “casamento feliz”*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de

fundadores dos times de fábrica, construindo e organizando coletivamente seus grêmios. No entanto, muitos dos seus utensílios - bola, chuteiras e o próprio campo - eram importados diretamente da Inglaterra¹⁹, dificultando sua obtenção por não ganharem salários suficientes para comprá-los. Assim, entrava em cena a diretoria da fábrica, que se dispunha a investir nesses clubes, contanto que eles lhe fornecessem algum tipo de retorno. Os interesses distintos da direção e dos associados engendraria uma relação desigual entre esses dois lados.

Alguns autores interpretam os interesses dos donos da fábrica sobre os clubes como estes sendo ferramentas de controle impostos aos trabalhadores. Anatol Rosenfeld²⁰ entende que seria uma forma de “domesticar seus corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo, identificados com a empresa”. Nesse sentido, Alfred Wahl argumenta que a direção queria “promover uma identificação clube-empresa” para passar aos membros da fábrica um sentimento de pertencimento a uma família. Waldenyr Caldas, por sua vez, se contrapõe à ideia de os clubes serem utilizados pela direção como uma forma de coerção aos trabalhadores, pois, caso houvesse essa intenção, todos os funcionários seriam mobilizados, sendo que apenas alguns se associavam e jogavam pelo time.

Diante desse debate, Antunes se aproxima às ideias de Caldas ao entender que as direções das fábricas não tinham como objetivo principal a coerção dos associados, mas a utilização do time como uma “vitrine” da

Santa Catarina, Florianópolis, 2005.; STÉDILE, Miguel E. Almeida. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

¹⁹ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 19.

²⁰ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 38 – 40.

empresa nos campeonatos.²¹ Com vitórias, a imagem da fábrica seria associada à boa organização e à sua preocupação com o fortalecimento e o bem-estar de seus empregados, e isso poderia gerar bons retornos em lucro.

Para a formação de um time competitivo que pudesse dar a visibilidade desejada à empresa, a direção normalmente necessitava pagar seus jogadores para que eles se mantivessem no elenco. Ela sabia que funcionários e principalmente operários não podiam se dispor para treinar e para o compor durante as competições sem alguma forma de remuneração. Diferentemente dos clubes amadores da elite, compostos por pessoas normalmente herdeiras e que possuíam renda suficiente para não necessitarem de trabalho no meio da semana, os jogadores das fábricas eram obrigados por suas condições socioeconômicas a jogar por dinheiro.

No entanto, a profissionalização dos jogadores não seria regulamentada até 1933, não sendo aceita pelas principais ligas da cidade. Por isso, as direções das fábricas mobilizavam uma série de recursos para burlar as burocracias das ligas amadoras e para conseguir montar seu time. De maneira geral, os pagamentos eram realizados por meio do “bicho”²². Nas fábricas, essa prática também era adotada, junta a outras. Muitas vezes, as direções promoviam ou mudavam o cargo de seus jogadores-operários para que pudessem ganhar mais e ter condições de trabalho mais leves²³, o que lhes era atrativo.

Elas também recorriam ao “emprego-fantasma”, chamando bons jogadores externos à fábrica, que jogavam por dinheiro. Para poder atuar em seu elenco, eles seriam registrados como funcionários e seus documentos

²¹ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 9 – 10.

²² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 72.

²³ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 10.

seriam forjados²⁴. Diante dessa situação, não se pode descartar totalmente a ideia de Rosenfeld e Wahl do clube como forma de coerção. Antunes apresenta a situação da Associação Amália de Desportos Atlético, onde havia peneiras internas entre os diferentes jogadores das seções da fábrica para se escolher os melhores jogadores para o time principal.

Os grandes jogadores-operários possuíam vários privilégios concedidos pela direção, como já foi discutido. Por isso, as vagas para o time principal seriam muito disputadas e a direção se aproveitava disso para impor um rigoroso sistema de disciplina dentro da fábrica e dentro do clube. Quem o desrespeitasse, poderia tomar multas ou até ser dispensado do time e, assim, o trabalho da direção no controle disciplinar era facilitado. Antunes demonstra que a rigidez no clube se assemelhava muito com a da própria fábrica, evidenciando como a direção também poderia utilizá-lo como meio de coerção dos trabalhadores²⁵.

Após essa contextualização sobre o futebol no início do século XX, é perceptível como a profissionalização não se tratou apenas de um momento pontual marcado pela regulamentação em 1933, mas sim de um processo extremamente duradouro, cujos debates e implicações atingiram os clubes paulistanos antes e depois de sua concretização em lei²⁶. A própria ideia de

²⁴ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 29.

²⁵ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 150 – 152.

²⁶ O historiador João Malaia analisa os processos de profissionalização do futebol não somente sob perspectivas sociais, mas também econômicas. Com o desenvolvimento do capitalismo brasileiro nesta época, o futebol se inseriu às novas dinâmicas econômicas capitalistas, tornando-se, gradativamente, uma mercadoria rentável. Ver mais em: MALAIA, João Manuel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). *Leituras de economia política*, v. 10, n. 1, Campinas, 2008, pp. 125 – 155. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/leituras-economia-politica/vol-10-N-1-f-13-p-1-167-jul-2008/o-processo-de-profissionalizacao-do-futebol-no-rio-de-janeiro-dos-suburbios-a-zona-sul-a-insercao-de-negros-mesticos-e-brancos-pobres-na-economia-da-capital-federal-1914-1923>. Acessado em 24 fev. 2021.

jogador profissional ainda estava em formação, pois, embora pudessem receber algum tipo de remuneração, não possuíam uma regulamentação.

Nas várzeas, os debates sobre a profissionalização também estavam presentes na Associação Atlética Anhanguera. Tratava-se de um clube não pertencente às elites, mas que se manteve como amador por todos os anos abrangidos no estudo de Diana da Silva para a manutenção de “sentimentos tão vigorosos como a *honestidade*, a *honra* ou a *tradição* - em oposição ao *profissionalismo* e ao “dinheiro”²⁷.

Essa observação é importante para não se generalizar a ideia de que times que reivindicavam uma identidade amadora eram estritamente compostos por pessoas da elite. Na verdade, o amadorismo não representava somente uma oposição ao profissionalismo, mas também um estilo de vida “sustentado por um amplo repertório de princípios morais” comunitários²⁸.

Com essa contextualização, foi possível se conhecer o contexto histórico em que estava inserido o clube Santa Marina. Por meio desse estudo, deseja-se revelar quais são as disputas sociais e as identidades presentes em sua formação. Como os interesses entre patrão e operários em torno do time se desenvolveu e moldou essa relação? Por que o Santa Marina se manteve amador, mesmo se tratando de um time de fábrica? Seria por princípios semelhantes à Associação? Não se pretende, neste artigo, responder a essas perguntas, mas sim levantar algumas hipóteses. No entanto, antes disso, é importante realizar uma pequena discussão sobre História Oral, pela qual será organizado o trato das fontes.

A História Oral como instrumento do futebol

²⁷ SILVA, Diana M. Machado da. “O que não se consegue com dinheiro”: A Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011, pp. 5. Os grifos foram realizados pela autora.

²⁸ SILVA, Diana M. Machado da. “O que não se consegue com dinheiro”: A Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011, pp. 8.

Para essa investigação, a História Oral será a principal forma de obtenção de fontes. Deve-se compreender que ela não se trata de uma metodologia, mas pode ser considerada uma disciplina em si²⁹, muito recorrida pelas diversas áreas do conhecimento para suas pesquisas. Essa informação é importante para mostrar sua relevância neste trabalho.

As entrevistas ocupam um importante lugar nos projetos de História Oral. São por ela que os colaboradores³⁰ contam e escolhem as narrativas que gostariam de passar para o projeto. Nesse sentido, pretende-se entrevistar os membros mais antigos do clube Santa Marina por serem as gerações mais próximas dos fundadores do clube, que vivenciaram o período histórico abordado nessa pesquisa. O presidente atual F.³¹ e sua irmã R. serão os primeiros entrevistados, por serem os membros que trazem consigo as tradições e as Histórias do time. Eles serão, portanto, o ponto zero de sua comunidade por serem os “detentores da reserva de memória”³² e poderão fornecer outros nomes de membros para o seguimento das entrevistas. Assim, a partir dessas indicações, algumas redes poderão ser pensadas. Por exemplo, caso R. e F. indiquem outros filhos de operários ou filhos de herdeiros da fábrica Santa Marina, haveria duas redes: a dos operários e a dos donos. Essa é apenas uma especulação, mas será assim que esse projeto formará redes distintas para a formação de diversas narrativas em torno do time³³.

²⁹ MEIHY, José Carlos Sebe. Memória, História Oral e História. *Oralidades: revista de História Oral*, v.4, n.8, São Paulo, 2010, pp. 189.

³⁰ Utilizo aqui a palavra colaborador e não entrevistado por entender que a pessoa entrevistada também possuiria atuação no projeto, não sendo, portanto, somente um entrevistado. Seja auxiliando com o processo de transcrição, seja simplesmente autorizando a publicação da entrevista, ela estará num papel ativo de colaboração.

³¹ Como ainda não os entrevistei, embora já tenha visitado a sede e conversado com alguns membros, prefiro não expor seus nomes.

³² TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: História Oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970 - 2010)*. Dissertação em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, pp. 27.

³³ A formação das redes fez parte do trabalho de Marcel Tonini, citado nas referências, sobre indivíduos negros no mundo do futebol. Após o ponto zero, ele escolheu as redes dos jogadores, torcedores, dirigentes, árbitros, treinadores e jornalistas por cada uma dessas funções trazerem narrativas diferentes sobre o tema.

Após a realização das entrevistas, a transcrição é um passo necessário, pois assim todas essas falas serão transmitidas para a escrita. No entanto, é importante ressaltar que a escrita e a fala são formas distintas de transmissão da mensagem. Então, para o documento se tornar mais apropriado à escrita, deverá ser realizada a transcrição, em que se criará sobre ela, por meio da pontuação e da realocação das frases - sem alteração dos sentidos dos discursos -, as sensações e sentimentos passados durante a entrevista³⁴. Assim, haverá o mínimo de perdas na passagem do falado para o escrito.

Em posse dessa documentação, será possível perceber quais eram as narrativas construídas em torno do Santa Marina nos momentos de sua fundação. Mesmo que os colaboradores sejam de gerações diferentes àquelas que vivenciaram o recorte temporal dessa pesquisa, as narrativas por eles contadas nos permitem perceber quais eram os discursos, os desejos, os silêncios, as omissões transmitidas ao longo das gerações. Caldas compreende que “a sociedade não existe como concreto, mas como ficcionalidades (...), [como uma] virtualidade viva, [um] tecido múltiplo e infinito de discursos em crenças, trabalhos, sonhos, desejos, forças e poderes enquanto máquina tribal.”³⁵ O dever do oralista, então, não é encontrar as verdades absolutas sobre as narrativas de seus colaboradores, mas sim as experiências vividas e narradas em forma de “ficcionalidades”.

Portanto, as características importantes desse clube, como sua manutenção do amadorismo, mesmo sendo um time de fábrica, e as identidades internas em jogo, vão ser explicitadas quando as entrevistas forem transcritas. Como todo trabalho historiográfico, outras fontes também serão utilizadas, como as atas, por exemplo. Elas poderão revelar quais eram os debates em torno da construção e do desenvolvimento do clube. No entanto, dificilmente conseguem transmitir as sensações, os sentimentos e as

³⁴ EVANGELISTA, Marcela Boni. A transcrição em História Oral e a insuficiência da entrevista. *Oralidades: revista de História Oral*, v. 4, n. 7, São Paulo, jan. jul, 2010, pp. 177.

³⁵ CALDAS, Alberto Lins. A cápsula narrativa em História Oral. *Oralidades: revista de História Oral*, v. 3, n. 6, São Paulo, jul. dez. 2009, pp. 51.

identidades que estariam sendo expressadas naquele momento. Apenas as narrativas possuem esse poder e, por isso, a História Oral será tão importante para essa pesquisa.

Possíveis hipóteses e considerações finais

Após a contextualização e a discussão sobre fontes, é possível pensar sobre a investigação histórica do time de fábrica Santa Marina. Em primeiro lugar, sabendo-se de que se trata de um clube amador durante todo o período analisado, deseja-se compreender como o debate da profissionalização o afetava.

Uma hipótese seria de que somente as direções tanto da fábrica quanto do clube reivindicavam a identidade amadora, embora os jogadores recebessem determinadas remunerações para se manterem no time. Essa dinâmica acontecia na Associação Atlética Light & Power estudada por Antunes. Ela possuía uma estreita relação entre seus dirigentes e a direção da fábrica e, por isso, lhe eram impostos “princípios do amadorismo”³⁶, embora os jogadores recebessem pagamento. Caso essa hipótese sobre o Santa Marina se confirme, provavelmente a direção da fábrica e/ou do clube o manteve amador – ao menos no discurso – para poder ter um *status* social mais elevado, pois o amadorismo era associado aos times da elite, embora não fossem somente eles quem reivindicassem esse “princípio”.

No entanto, não se pode descartar a possibilidade de que os associados do clube também reivindicassem essa identidade. Sobre isso, há outra hipótese, baseada agora nos estudos de Diana da Silva. O amadorismo poderia ser reivindicado pelos mesmos princípios que a Associação Anhanguera o fazia. Isso se torna uma possibilidade quando se sabe que

³⁶ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 82.

ambos os times se localizavam em regiões próximas em São Paulo, então poderia haver um fluxo de valores e princípios amadores por esses espaços³⁷. Para esse estudo, interessa saber, caso essa hipótese se confirme, o que era esse fluxo e como o Santa Marina se comportava diante dele, isto é, como ele o recebia e como ele também o alterava.

É interessante se perceber inclusive que os termos “amadorismo” e “profissionalismo” não são suficientes para o entendimento dessa situação. Como já foi dito, muitas vezes os jogadores de um time amador poderiam receber pagamento, tornando o “amadorismo” apenas um princípio. Por meio das narrativas obtidas nas entrevistas, poderá se observar qual era o vocabulário utilizado pelos próprios membros do clube e se não haveria outro mais adequado. Embora, nesse artigo, tenham sido discutidas as formas de “amadorismo” nos clubes Anhanguera e *Light & Power*, não necessariamente esse conceito seria o mesmo no Santa Marina. As entrevistas trazem uma outra vantagem nessa investigação, pois, por sua característica mais fluida do que a leitura dos documentos, poderá ser percebido com maior autenticidade qual era o significado do amadorismo para seus associados.

Outras questões acerca do clube também são importantes. Tratando-se de um ambiente fabril, não seria possível compreendê-lo sem um estudo sobre a relação entre patrão e empregado, pois assim se perceberá os interesses em jogo para cada um dos lados e como a conciliação ou o choque entre eles era perceptível no desenvolvimento do clube. Antunes

³⁷ SILVA, Diana M. Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928 - 1950)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, pp. 9. Silva menciona a existência da Associação Atlética Açucena, clube amador, localizado no bairro do Limão, próximo à sede do Anhanguera, que ficava no Bom Retiro. Em uma conversa que tive com uma colega historiadora, descobri que esse time seria rival do Santa Marina. Pretendo, futuramente, investigá-lo por poder me fornecer algumas informações importantes. Por ora, é interessante ressaltar que o fato de o Açucena ser também um clube amador naquela região reforça a possibilidade desses princípios amadores ultrapassarem as sedes de cada clube e fluírem por meio desse espaço.

demonstra, em seus estudos sobre os times da *Light & Power*, como cada um deles se relacionava de forma diferente com a direção.

Por um lado, a Sociedade Esportiva Linhas e Cabos possuía uma autonomia maior do que outros clubes, o que permitiu a formação de uma identidade classista própria. Com isso, suas festividades, para além de um ambiente de recreação, eram para formação dos associados sob um viés comunista³⁸. Por outro lado, como já foi apresentada, a Associação Atlética *Light & Power* foi muito mais influenciada pela direção, que impunha seus valores ao clube, mesmo que houvesse também uma conciliação com os interesses dos associados. Diante disso, o estudo do Santa Marina deve também esclarecer as relações entre o clube, os funcionários e os operários, e a direção da fábrica. Cada um desses grupos teria interesses sobre ele, o que influenciaria sua formação e construção.

Embora não seja um dos objetivos desse estudo, ele ainda poderá revelar a existência de outros clubes internos à fábrica *Santa Marina* por conta da existência de seções para

Além da seção destinada à fabricação do vidro propriamente dito, [pois] havia diversas outras seções como serrarias, oficinas mecânicas, fábricas de fitas isoladoras, bombas de água, forjas para o preparo de canas e outros moldes, oficinas de pedreiro e de carpintaria, grandes depósitos para garrafas e matéria prima, almoxarife, pequena farmácia, dentre outras.³⁹

Esse fenômeno ocorre na *São Paulo Light & Power*, que possuía uma complexa organização interna com variados setores da produção, o que se refletia no

³⁸ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 65.

³⁹ RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. *VI Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012, pp. 5.

futebol praticado por seus empregados com a fundação de vários clubes por seção⁴⁰.

Portanto, todas essas hipóteses e questões, quando respondidas, irão explicitar o comportamento do clube diante do contexto histórico em que se inseria. A modernização e urbanização das cidades engendrou novos conflitos e dinâmicas sociais, em que o futebol se tornou mais um elemento em disputa. Então, por meio da análise, com base em História Oral, de um time de futebol de fábrica, será possível se perceber como essas dinâmicas da cidade de São Paulo estariam representadas nele.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/142251_futeboldefabrica.pdf. Acessado em: 07 dez. 2020.
- CALDAS, Alberto Lins. A cápsula narrativa em História Oral. *Oralidades: revista de História Oral*, v. 3, n. 6, São Paulo, jul. dez. 2009, pp. 49 - 76. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%206.pdf>. Acessado em: 07 dez. 2020.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. A transcrição em História Oral e a insuficiência da entrevista. *Oralidades: revista de História Oral*, v. 4, n. 7, São Paulo, jan. jul, 2010, pp. 169 - 184. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%207.pdf>. Acessado em 07 dez. 2020.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895 - 1916)*. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01102014-162931/pt-br.php>. Acessado em: 07 dez. 2020.
- GONÇALVES JÚNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

⁴⁰ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, pp. 60.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03122008-151457/pt-br.php>.

Acessado em: 07 dez. 2020.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 2002, pp. 84 – 82. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13435>. Acessado em: 07 dez. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe. Memória, História Oral e História. *Oralidades: revista de História Oral*, v.4, n.8, São Paulo, 2010, pp. 179 - 191. Disponível em: [http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%208.pdf)

09/Oralidades%208.pdf. Acessado em: 07 dez. 2020.

RODRIGUES, Angela Rosch. Patrimônio industrial e atividade fabril: o caso da antiga Vidraria Santa Marina. *VI Colóquio Latino Americano: sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial*, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264044619_Patrimonio_industrial_e_atividade_fabril_o_caso_da_antiga_Vidraria_Santa_Marina. Acessado em: 22 fev. 2021.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e industrialização: rios de São Paulo. *Labor & Engenharia*, v. 9, n. 1, Campinas, 2015, pp. 37 - 48. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/2092>. Acessado em: 22 fev. 2021.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desastinos. *Revista USP*, n. 22, São Paulo, ago. 1994, pp. 30-37, 30 ago. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956>. Acessado em: 07 dez. 2020.

SILVA, Diana M. Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928 - 1950)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29102013-113153/pt-br.php>.

Acessado em: 07 dez. 2020.

SILVA, Diana M. Machado da. "O que não se consegue com dinheiro": A Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300643470_ARQUIVO_textoanpuh.pdf. Acessado em: 07 dez. 2020.

TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: História Oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970 - 2010)*. Dissertação em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062011-173422/pt-br.php>. Acessado em: 07 dez. 2020.

Artigo recebido em 07/12/2020 e aprovado em 31/01/2021.